

RESENHA CRÍTICA

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução, O Nilson Moulin. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRENCIAIS DO AUTOR

Italo Calvino (1923-1985) nasceu em 15 de outubro de 1923, natural de Santiago de Las Vegas. Em Cuba foi consagrado como um dos maiores escritores italianos do século XX. Filho de Mario, um botânico e agrônomo tropical, com Eva Mameli, uma botânica e professora universitária. A partir de 1925, eles passaram a viver em San Remo e, dois anos mais tarde, nasceria Floriano, seu irmão¹. Calvino militou no Partido Comunista e participou da resistência ao Fascismo de Mussolini. Após a Segunda Guerra mudou-se para Turim e retomou seus estudos, formando-se em Letras. Nessa época trabalhou no jornal comunista *L'Unità* e na Editora Einaudi. No final dos anos 40 publicou suas primeiras obras calcadas no estilo neorrealista, onde procurou retratar sem floreio uma Itália devastada do pós-guerra. Posteriormente, abandonou o estilo neorrealista e fez opção pelo realismo fantástico, mesclando fantasia e realidade. Ao se mudar para Paris, em 1967, Calvino foi duramente criticado em seu país: primeiro por ter deixado a Itália e abandonado o comunismo; segundo por ter optado pelo caminho literário do realismo fantástico, uma corrente excessivamente excêntrica para seus ex-colegas de credo político. Veio a falecer no dia 19 de setembro de 1985 em Siena, na Itália².

RESUMO DA OBRA

A obra *Por que ler os clássicos* reúne artigos e ensaios escritos por Calvino referentes a escritores, poetas e cientistas que exerceram influência em sua obra e pelos quais nutria profunda admiração. A obra não busca fornecer uma resposta definitiva à questão do porquê ler os clássicos, mas, de uma maneira geral, as instigações realizadas pelo autor sugerem que lê-los é melhor que não lê-los e é nesse sentido que a obra busca se desenvolver. O livro se

¹ Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/italo-calvino/>. Acesso em: 22/04/17.

² Disponível em: https://www.ebiografia.com/italo_calvino/. Acesso em: 22/04/17.

subdivide em duas partes: a primeira, que contempla explicações e conceitualizações; a segunda, que aborda a visão crítica de Calvino sobre algumas obras clássicas e seus autores.

Pra início de conversa, Calvino tenta definir os clássicos como “*aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: Estou relendo ... e nunca: Estou lendo ...*”³. Mas essa definição parece não ser suficiente no sentido que ela não contemplaria, por exemplo, a juventude, apenas pessoas em idade mais madura, para as quais a leitura deveria ser uma tarefa de apreciação de minúcias e detalhes; sendo assim, ele propõe uma segunda definição: “*Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-las pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-las*”⁴. Mas tal definição também se mostra insuficiente ao passo que, uma primeira leitura pode se fazer de forma pouco minuciosa e atenta, bem como, o impacto sobre ela pode ser, com o passar dos anos, esquecido. Assim ele propõe uma terceira definição, qual seja: “*Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual*”⁵.

Mesmo essa definição não se mostra satisfatória pois isso requer que se tenha um tempo na vida adulta para reler as obras (pressupondo que já se as tenham lido na juventude) e que esse ‘inesquecível’ seja recordado pela memória. No entanto, as obras mudam quando se mudam as perspectivas por parte de quem as lê, de forma tal que, uma segunda leitura se constituiria numa leitura nova. Decorre disso duas implicações: “*Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira*” e “*Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura*”⁶. Dessa forma: “*Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*”⁷. E mais: “*Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)*”⁸.

³ CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*, 1993, p. 9.

⁴ IDEM, 1993, p. 10.

⁵ IDEM, 1993, p. 10-11.

⁶ IDEM, 1993, p. 11.

⁷ IDEM, 1993, p. 11.

⁸ IDEM, 1993, p. 11.

Um clássico, é para Calvino uma obra cuja leitura não pode ser recomendada por terceiros. Nesse ponto, ele tece uma crítica às escolas e às universidades que se utilizam e recomendam a leitura de comentadores, no entanto não exploram ou dão a devida importância às obras originais (aos clássicos). Para ele, o texto tem que falar por si mesmo e não por intermediários. Assim: “*Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe*”⁹. O clássico não nos ensina necessariamente algo que não sabíamos, nos diz Calvino. Por vezes, eles dizem algo que já conhecíamos, ou seja, ele nos faz descobrir aquilo que já sabíamos, só que de uma maneira nova. Por isso: “*Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos*”¹⁰. Naturalmente isso ocorre pela relação que se estabelece entre o clássico e quem o lê; uma relação de proximidade. Tal relação só é possível por meio de uma leitura desinteressada, ou seja, não realizada de forma imposta, obrigatória.

Por essa via chega-se a ideia de que: “*Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs*”¹¹; nesse ponto, o clássico assume uma linguagem universal. Pode ocorrer também que um clássico desencadeie uma reação de oposição, de relutância, de implicância. Essa antipatia, como é denominada pelo autor, não pode servir para desconsiderar um clássico, já que “*clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele*”¹². Ainda na busca por conceituação, Calvino define: “*Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia*”¹³. Dessas definições surgem a questão do porquê ler os clássicos em detrimento da leitura de obras não clássicas. Calvino defende que a leitura de um clássico deve ser dosada com a leitura de não clássicos bem como com outras demandas da vida. Para ele, os clássicos conversam com a atualidade: “*É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo*” e “*É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível*”¹⁴.

⁹ CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*, 1993, p. 12.

¹⁰ IDEM, 1993, p. 12.

¹¹ IDEM, 1993, p. 13.

¹² IDEM, 1993, p. 13.

¹³ IDEM, 1993, p. 14.

¹⁴ IDEM, 1993, p. 15.

Calvino admite que na atualidade é impensável uma educação aos moldes clássicos, onde a leitura destes pudesse ser privilegiada em relação às demais pois as instituições educacionais e os instrumentos de comunicação não contribuem de maneira favorável a isso. Para o autor os clássicos servem para entender quem somos, por isso, lê-los é melhor que não lê-los, ou seja, conhecermo-nos, é melhor que não conhecermo-nos.

CONCLUSÃO DA RESENHISTA

O autor da resenha aponta alguns critérios para se definir um clássico e se debruça na elaboração de ensaios e artigos sobre algumas obras, reconhecidas como clássicos. Segundo ele, essas leituras são importantes na construção da subjetividade. Além disso, defende que a leitura tem que ser uma atividade desinteressada, que não deve ser imposta como uma obrigação, mas ser realizada pelo prazer que a própria leitura é capaz de proporcionar. Este prazer é ocasionado porque na leitura ocorre uma espécie de reconhecimento, e nesse processo, aquilo que se lê, exerce forte influência naquele que lê. A leitura (de clássicos) portanto, proporciona o reconhecimento do indivíduo frente a si mesmo.

Por outro lado, o autor, ao introduzir seu ponto de vista, em forma de crítica literária a algumas obras, acaba por recair no erro que ele próprio apontou: o de ser um intermediário; no entanto isso não traz problemas, de fato, à sua proposta. Talvez ele o tenha feito como estratégia para instigar aquela curiosidade inicial necessária para que se empenhe na tarefa da leitura de clássicos, algo que ele diz essencial. Mesmo com essa suposta boa intenção, e atendendo a critérios que ele mesmo elencou, a leitura, por ele induzida, já perderia um pouco o caráter de despreensão. Ainda assim é possível uma saída para isso, quando ele aponta para que cada um busque seus próprios clássicos ou aquelas obras, que, contemplando aos critérios elencados, funcionem como um clássico. Isto indica a particularidade no reconhecimento subjetivo do que seria um clássico e na capacidade ativa diante desse reconhecimento, ou seja, um clássico não é um clássico só porque atenda a determinados critérios ou só porque alguém disse que é um clássico; se ele não for capaz de se relacionar com o leitor, se não lhe disser algo, se não lhe causar alguma reação, se não for possível ao leitor se reconhecer nele, a funcionalidade dessa obra como um clássico para esse leitor, ficaria assim comprometida.

CRÍTICA DA RESENHISTA

Argumentando nesse mesmo sentido Harold Bloom, afirma que “*caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. [...] Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação*”¹⁵. Bloom adverte que para se realizar uma leitura é preciso “livrar a mente da presunção”, ou seja, não buscar melhorar o caráter dos outros, mas ter como objetivo o auto aperfeiçoamento. A leitura de clássicos, segundo Bloom, enriquece a vida. Para ele, os autores clássicos são fontes de influência pois suas obras proporcionam um reconhecimento por parte do leitor; reconhecimento esse que é constitutivo do indivíduo e que vai influenciar na sua forma de pensar, de analisar, de criticar, de escrever, de elaborar. Enfim, a literatura de clássicos, não é meramente a leitura de palavras escritas num papel; é antes de tudo, modo de vida, já que é um diálogo que não se encerra nas páginas de um livro, mas se alimenta de ressonâncias que perduram ao longo da vida¹⁶. Bloom certamente bebe na fonte de Calvino ao realizar tais elaborações.

INDICAÇÕES DA RESENHISTA

A obra de Calvino é essencial porque embora a princípio pareça que ela é direcionada para um determinado público (críticos literários, literatos, escritores, acadêmicos, e afins) ela serve a um número bem mais abrangente de pessoas, que, interessados pela leitura, podem ver em *Por que ler os clássicos* um suporte de iniciação (e uma fonte de inspiração). Pela ótica do autor algumas obras já lidas ganham nova roupagem, outras, não lidas, são envoltas de curiosidade e passam a se tornar pretensão. A proposta de que, os leitores, de modo geral, se aventurem na busca pelos seus próprios clássicos, não deixa de fora as indicações daqueles que são considerados, grandes clássicos mundiais. A leitura dos clássicos é um modo de reconhecer-se, de ler-se a si mesmo, de recordar aquilo

¹⁵ “A ironia liberta a mente da presunção dos ideólogos, e faz brilhar a chama do intelecto”. BLOOM, H. *Como e por que ler?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 17.

¹⁶ BLOOM, H. *A anatomia da influência: literatura como modo de vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

que já se sabia, de se convencer de que, aquilo que o autor disse, é algo que já se tinha pensado antes, que o outro só as escreveu primeiro. Ademais, nesse reconhecer-se está implicada uma forma de autoconhecimento, que se constitui enquanto fonte de busca pelas próprias referências. Se a psicologia, a filosofia e outras ciências debruçam-se sobre a busca pelo conhecimento de si, pela via da literatura, estas ciências tem um forte instrumento do qual se dispor. Cabe a elas encontrarem a melhor maneira de fazer isso, e mais importante e imprescindível: cabe a elas, fazê-lo.

SOBRE A RESENHISTA

Greyce Kelly Cruz de Sousa França é Psicóloga. Atualmente (2017) cursa Mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Inserida na Linha de Filosofia Prática, desenvolve pesquisa em Filosofia Política, na qual estuda o filósofo francês Michel Foucault, tendo por tema de pesquisa: Loucura e Biopolítica. E-mail para contato: cruz.greycekelly@gmail.com. Link do Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4442823Eo>.